

# Educação ambiental em escolas dos anos iniciais: um diálogo com o método escoteiro

## Autoras:

### Vitória Nascimento

*Estudante do curso de Pedagogia na Universidade Estadual de Londrina*

### Andréa Haddad Barbosa

*Doutora em Educação, professora da Universidade Estadual de Londrina-PR, Curso de Pedagogia*

DOI: 10.58203/Licuri.83540

## Como citar este capítulo:

NASCIMENTO, Vitória; BARBOSA, Andréa Haddad. Educação ambiental em escolas dos anos iniciais: um diálogo com o método escoteiro. In: ANDRADE, Jaily Kerller Batista (Org.). **Temas Atuais em Ciências Ambientais**. Campina Grande: Licuri, 2023, p. 127-142.

ISBN: 978-65-999183-5-3

## Resumo

A Educação Ambiental é um componente obrigatório e essencial em todas as etapas e modalidades de ensino no Brasil. Não há como negar a importância de se trabalhar com esse tema desde a infância, e há diferentes formas e abordagens no trato desse conteúdo. O presente texto busca apresentar alguns pilares do método escoteiro como uma possibilidade para o trabalho com a Educação Ambiental nas escolas, entre eles estão a conexão com a natureza e o aprender fazendo. Nessa linha de raciocínio, buscamos uma aproximação com alguns dos ideais defendidos por Dewey. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica com uma abordagem qualitativa e exploratória. Esta pesquisa apresenta, brevemente, o que é o método escoteiro, os pilares que sustentam o escotismo e um possível diálogo com Dewey. Para contextualizar a Educação Ambiental nas escolas nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, realizamos um mapeamento em pesquisas. Por fim, buscamos refletir sobre a possibilidade de contribuição do método escoteiro para uma Educação Ambiental, no ambiente escolar, que promova maior conexão das crianças com a natureza. Os resultados apontam fragilidades na Educação Ambiental proposta pelas escolas e possibilidades do uso de alguns dos pilares do método no contexto escolar como uma forma de tornar os temas ambientais com mais sentido, significado e próximo da realidade cotidiana das crianças.

**Palavras-chave:** Natureza. Ensino Fundamental. Escotismo. Aprender Fazendo.

## INTRODUÇÃO

Com a ideia de entregar para o mundo um cidadão melhor, o movimento escoteiro trabalha com jovens de 7 a 21 anos, objetivando o desenvolvimento da cidadania, autonomia, criatividade, do trabalho em equipe e do trabalho com e na natureza. Neste artigo, o foco são os jovens chamados de Lobinhos, crianças de 7 a 10 anos, idade que corresponde aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Com essa idade, as crianças começam a criar mais autonomia, o imaginário infantil ainda está fortemente presente, por isso o movimento escoteiro usa a ludicidade para envolver e ajudar a criança dessa faixa etária a se desenvolver e entender a convivência em equipe e a se relacionar com o ambiente que a cerca.

Inúmeros estudos apontam, conforme mapeamento realizado por Chawla (2020), que o contato com a natureza contribui para o bem-estar físico, emocional, social e acadêmico, embora a sociedade seja majoritariamente urbana. Assim, uma das formas de trabalhar a Educação Ambiental e atendermos a necessidade da criança de ter atividades ao ar livre e contato com a natureza pode ser por meio dos pilares do movimento escoteiro.

Esse estudo teve como problema analisar se o método escoteiro pode ser utilizado na Educação Ambiental em escolas dos Anos Iniciais. Os objetivos específicos consistiram em explicar o que é o método escoteiro; compreender os pilares que sustentam o escotismo; pesquisar sobre a Educação Ambiental nas escolas dos Anos Iniciais e refletir na possibilidade de alguns dos elementos do método escoteiro poderem ser utilizados em contextos escolares.

Sendo assim, este estudo será dividido em quatro seções: o delineamento metodológico da pesquisa; o método escoteiro e a sua história; o aprender fazendo e a importância da experiência; e pesquisas de Educação Ambiental nas escolas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

## METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, que, Segundo Severino (2013), utiliza dados de trabalhos já publicados por outros estudiosos. Esses textos e pesquisas se tornam fontes

importantes do trabalho do pesquisador. Além disso, este estudo também se enquadra nas pesquisas exploratórias:

A pesquisa exploratória busca apenas levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto. Na verdade, ela é uma preparação para a pesquisa explicativa (SEVERINO, 2013, p. 107).

A primeira etapa consistiu em fazer um mapeamento a fim de identificar as pesquisas publicadas em formato de artigo que tivessem por objeto a Educação Ambiental, o movimento de escoteiros e os Anos Iniciais. Utilizamos o sistema de pesquisa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), o *Scientific Electronic Library Online (SciELO)* e o *Google Acadêmico* em busca de artigos relacionados com o objeto de estudo e com o recorte temporal no ano 2021. No total, encontramos sete artigos.

No primeiro momento, procuramos por “Educação Ambiental”, “movimento escoteiro” e “Anos Iniciais”, mas não encontramos nenhum artigo que abrangesse esse conjunto de palavras de busca. Alteramos para “Educação Ambiental” e “Anos Iniciais”, e selecionamos sete artigos do ano de 2021. O objetivo desse breve mapeamento foi identificar se já havia pesquisas sobre o tema, bem como verificar, de modo geral, quais os apontamentos que os autores fizeram sobre a Educação Ambiental nos Anos Iniciais. Para contextualizar o objeto de estudo, buscou-se apresentar um breve histórico do método escoteiro, os pilares que o sustentam e o ramo Lobinho, que pode ser considerado como uma das etapas do escotismo.

## O MOVIMENTO ESCOTEIRO E SUA HISTÓRIA

Embora o movimento dos escoteiros não seja algo novo no Brasil, boa parte das pessoas não conhece sua história, estrutura e objetivos. Nosso intuito não é fazer uma apresentação aprofundada, mas apresentar, brevemente, esses aspectos no sentido de contextualizar o leitor, dando destaque para elementos que consideramos pertinentes para o desenvolvimento de uma Educação Ambiental diferenciada nas escolas.

O criador do movimento escoteiro, Robert Stephson Smith Baden-Powell (B-P), desenvolveu o escotismo segundo sua vivência e, por isso, consideramos pertinente que primeiro conheçamos sua vida e sua relação com o movimento escoteiro. B-P nasceu em 22 de fevereiro de 1857 em Londres, Inglaterra, e, desde seus primeiros anos de vida, experimentou uma educação no meio da natureza.

Como conta Baden Powell em seu livro *Scout for boys* (Escotismo para rapazes, em tradução livre), ele entrou para o exército em 1876, com apenas 19 anos. Em suas incursões, dedicou-se a elevar a qualidade de vida dos soldados, proporcionando-lhes mais lazer e atividades recreativas. Ocupava seu tempo livre desenhando e atraindo os filhos dos oficiais para lhes ensinar desenhos, canções e jogos. Com 26 anos foi promovido a capitão (POWELL, 2006).

No período de 1884 a 1899, foi enviado para a África do Sul por quatro vezes. Ao voltar para Londres, escreveu o livro *Aids to Scouting* (Ajuda à exploração militar, em tradução livre), inspirado nos vários jovens que ajudaram durante as batalhas. O livro, inicialmente usado apenas por militares, começou a ser lido por crianças e adolescentes, e Baden-Powell acabou ficando preocupado com as proporções tomadas. Então, começa a pensar o movimento escoteiro baseado em suas experiências nas guerras e estudando outros povos.

Foi em 1907 que B-P idealizou e realizou o primeiro acampamento seguindo as bases escoteiras, com vinte jovens entre 12 e 16 anos, na ilha de *Brownsea*, no Canal da Mancha. Após o grande êxito do acampamento, Baden-Powell lançou seis fascículos quinzenais, chamados de *Scouting for boys* (Escotismo para rapazes, em tradução livre). Mais tarde, os fascículos foram unidos e modificados para serem publicados como um livro com o mesmo nome (POWELL, 2006)

Dois anos depois, o movimento havia chegado a proporções mundiais, sendo trazido para o Brasil. Por conta desse crescimento, Baden-Powell pediu demissão do exército, pois não queria que o movimento escoteiro tivesse alguma ligação com o exército. Em 1916, percebeu que as crianças menores também queriam participar, mas não conseguiam seguir o mesmo ritmo de atividades que os outros. Então, com base no Livro da Jângal criado por Rudyard Kipling, um amigo antigo de B-P, criou um novo ramo denominado de Lobinhos, com um fundo de cena focado na imaginação.

O ramo Lobinho será o foco de nosso trabalho, por serem crianças de 7 a 10 anos, idade correspondente aos Anos Iniciais escolares. O fundo de cena possibilita que as

crianças entendam regras e leis de forma lúdica. O livro da selva<sup>1</sup>, por sua vez, encanta, motiva e educa os lobinhos, usando as personagens e a história para passar ensinamentos.

Segundo o *site* dos Escoteiros do Brasil<sup>2</sup>, em 2021, o movimento escoteiro possuía 54 milhões de membros pelo mundo, sendo 111 mil participantes no Brasil. O movimento escoteiro foi criado voltado para o jovem<sup>3</sup>, feito por eles, com auxílio de adultos voluntários. O escotismo tem como base um método, que deve ser seguido por todos os membros, e consiste em alguns pontos. Entre eles está a aceitação voluntária da promessa e da lei escoteira, sendo a lei como um código de vida a ser seguido, propondo seus valores aos jovens, formando seus comportamentos e sua vida dentro do movimento.

Outro aspecto importante é o aprender fazendo, que se baseia na educação pela ação, valorizando o aprendizado pela prática, exercitando e desenvolvendo a autonomia, a autoconfiança e a iniciativa na vida em grupo. As atividades devem ser progressivas, atraentes e variadas, compreendendo jogos, habilidades e técnicas úteis, estimuladas por um sistema de distintivos, que tem como ideia ajudar o jovem a se desenvolver dentro de diversas áreas de conhecimentos. Além disso, valoriza-se muito a vida ao ar livre e em contato com a natureza, tendo interação com a comunidade (ESCOTEIROS DO BRASIL, 2021).

O trabalho em equipe também é importante, pois o jovem tem a sua descoberta e aceitação progressiva de responsabilidade, a disciplina assumida voluntariamente, sendo desenvolvidos para a capacidade tanto para cooperar como para liderar. Ainda é importante ressaltar o desenvolvimento pessoal com orientação individual, considerando a realidade e o ponto de vista dos jovens; a confiança nas potencialidades; o exemplo pessoal do adulto; seções com número limitado de jovens e faixa etária própria (ESCOTEIROS DO BRASIL, 2021).

Todas as atividades escoteiras, como o projeto educativo do movimento escoteiro, devem ser baseadas em um dos F.A.C.E.I.S: Físico, Afetivo, Caráter, Espiritual, Intelectual e Social.

Este elemento do Método Educativo Escoteiro envolve o valor educacional do desafio de estar na natureza, que incentiva crianças, adolescentes e

---

<sup>1</sup> O livro conta a história de Mogli, um menino que foi criado por lobos. Os personagens são utilizados dentro do movimento escoteiro para ajudar os jovens a entender as leis e regras que devem ser seguidas, além de criarem respeito pela chefia e o convívio em equipe, por meio da ludicidade.

<sup>2</sup> <https://escoteiros.org.br/mundo/>

<sup>3</sup> A palavra jovem é entendida no movimento dos escoteiros como todos os integrantes dos 7 aos 21 anos.

jovens a serem criativos e crescerem. Também envolve a abordagem da sustentabilidade, que proporciona uma melhor percepção ética, respeito e conexão com a natureza, incentivando comportamentos sustentáveis (ESCOTEIROS DO BRASIL, 2021, p. 31).

As atividades dentro e fora da sede permitem a exploração do ambiente, encorajando a investigação e a consciência ambiental compartilhada. Ainda, estimulam o pensamento crítico sobre o ambiente e promovem a compreensão da responsabilidade individual com o meio em que vivemos. A natureza apresenta desafios que permitem aos jovens equilibrar o corpo, desenvolvendo capacidades físicas, mantendo e fortalecendo sua saúde, ampliando sua criatividade, exercitando sua liberdade e estabelecendo conexões com outros jovens (ESCOTEIROS DO BRASIL, 2021).

Como dito anteriormente, o movimento escoteiro tem como um dos seus pilares o aprender fazendo, ou seja, a educando pela ação. O Escotismo tem como valores o aprendizado pela prática; treinamento para autonomia, baseado na autoconfiança e iniciativa; e hábitos de observação, indução e dedução. Desta forma, procuramos fazer algumas aproximações entre o aprender fazendo dentro do movimento escoteiro com os pensamentos de Dewey.

## APRENDER FAZENDO: A IMPORTÂNCIA DA EXPERIÊNCIA

Ao elaborar o Método Escoteiro, Baden-Powell compartilhava os ideais das inovações educacionais de sua época, ideais esses que visavam transformar a escola e o seu papel educativo, adequando-os à sociedade moderna. Argumenta-se ainda que a dimensão mais importante do escotismo reside no fato de o Movimento Escoteiro ser uma pedagogia ativa (LEANDRO, 2017).

O que podemos chamar de pedagogia ativa? Ainda segundo Leandro (2017), as pedagogias ativas se caracterizam por colocar a criança no centro do processo de aprendizagem, enfatizando o “aprender fazendo”. Desse modo, o ensino se dá pela ação e não apenas pela instrução.

O aprender fazendo foi amplamente divulgado no final do século XIX e início do século XX pelo filósofo e pedagogo norte-americano John Dewey. O educador defende que os

conteúdos ensinados em sala de aula são assimilados de forma mais fácil quando são associados às tarefas realizadas pelos alunos. Dewey apontou a necessidade de que o processo ensino-aprendizagem se centralize nas experiências vivenciadas e na ressignificação dessas experiências. Entretanto, como Dewey define o que são experiências?

Dewey tem um cuidado muito grande ao explicar o seu entendimento de aprender pela experiência no contexto escolar. Embora as mais variadas experiências possam gerar aprendizados, o autor não se refere a qualquer tipo de experiência.

Uma experiência pode ser tal que produza dureza, insensibilidade, incapacidade de responder aos apelos da vida, restringindo, portanto, a possibilidade de futuras experiências mais ricas. Outra poderá aumentar a destreza em alguma atividade automática, mas de tal modo que habitue a pessoa a certos tipos de rotina, fechando-lhe o caminho para experiências novas. A experiência pode ser imediatamente agradável e, entretanto, concorrer para atitudes descuidadas [...] (DEWEY, 1979, p.14).

O autor tece severas críticas aos contextos de ensino que, por vezes, podem promover experiências que levam os alunos a aprender por meio de exercícios automáticos, enfadonhos, descontextualizados da realidade e que limitam a capacidade crítica e de ação inteligente das crianças. Nesse ambiente, não é raro haver desinteresse pelas atividades acadêmicas. Toda experiência, num primeiro momento, tem uma natureza imediata, isto é, pode ser agradável ou desagradável. No entanto, ela vai além disso, pois envolve aspectos mediatos, ou seja, que exercem influência nas experiências futuras. A boa experiência é aquela que influi de forma positiva, criadora e fecunda em experiências posteriores, desperta o interesse e a curiosidade (DEWEY, 1979).

Segundo Placides e Costa (2021), a filosofia da educação deweyana ergue-se sobre o tripé experiência, investigação e descoberta. Entendemos, portanto, que, para Dewey, o aprendizado só acontece se estiver associado à vivência pessoal do aluno, a toda experiência que ele carrega.

Assim, segundo Santos, Oliveira e Paiva (2022, p. 80):

[...] é por meio da experiência que o aluno sentirá a necessidade de buscar um novo conhecimento. Isto porque, na visão do filósofo, o conhecimento se dá a partir da busca por solução para diversas problemáticas da vida, ou seja, o indivíduo se depara com um determinado problema e age para resolvê-lo. O ato investigativo, assim, se dá por uma ação sistematizada do pensamento que pressupõe problematizar, investigar e concluir (solucionar), processo este que leva ao conhecimento (SANTOS; OLIVEIRA; PAIVA, 2022, p. 80)

Podemos ver que, para Dewey, as atividades práticas são estreitamente ligadas às teóricas, e não há aprendizagem sem essa associação. A busca da aprendizagem se dá na tentativa de resolver problemas ou questões práticas. Quando buscamos como o “aprender fazendo” é visto dentro do movimento escoteiro, encontramos o seguinte:

O Escotismo utiliza ações práticas (experiências da vida real) e reflexões para facilitar o aprendizado e o desenvolvimento contínuos. O aprender fazendo mostra a abordagem prática do Escotismo sobre a educação, como resultado da experiência direta em vez de apenas uma instrução teórica. Baseia-se no aprendizado através das oportunidades de experiências que surgem da busca por interesses e do lidar com a vida cotidiana. No Escotismo, a aquisição de novas competências educativas - conhecimentos, habilidades, atitudes e valores - é alcançada através da prática de atividades variadas, divertidas e relevantes, que levam os jovens a agir, cometer erros, refletir e descobrir, permitindo-lhes o desenvolvimento em todas as dimensões de sua personalidade ao extrair o que é pessoalmente significativo de tudo aquilo que experimentam. (ESCOTEIROS DO BRASIL, s/d, *online*<sup>4</sup>).

Nascimento (2008 apud LEANDRO, 2017) destaca que, desde a origem do movimento no escotismo, o jovem não recebe instruções meramente teóricas: todo o seu desenvolvimento ocorre por meio da máxima “aprender fazendo”, obtido através de atividades práticas, sejam elas de primeiros socorros, regras de segurança, natação, salvamento, cozinha, amarras etc. A aplicação dessas habilidades desenvolvidas dá-se por

---

<sup>4</sup> <https://www.escoteiros.org.br/metodo-escoteiro/>



meio de jogos, excursões e acampamentos. Concomitante à prática, a teoria e a reflexão vão se tornando presente.

Segundo Leandro (2017), Baden Powell propôs um processo educativo que estimulasse o jovem a buscar o seu próprio desenvolvimento por meio de atividades práticas realizadas ao ar livre, provavelmente, influenciado pelas reflexões dos teóricos da educação do início do século XX. Segundo o autor, B-P acreditava que os jovens eram pessoas ativas e poderiam desenvolver as suas capacidades por meio das experiências vividas no “aprender fazendo”.

De acordo com os pilares do movimento escoteiro:

[...] o conhecimento não se transmite, mas sim é construído através de um processo de indagação, exploração, experimentação prática e reflexão. Trata-se de uma relação ativa onde a criança, adolescente e jovem é protagonista de seu processo de aprendizagem. (ESCOTEIROS DO BRASIL, 2021, p.27).

Embora não tenhamos encontrado uma afirmação nos escritos de B.P. sobre a origem do aprender fazendo no método escoteiro, parece provável que o contexto educacional da época, influenciado por Dewey e outros educadores, tenham verdadeiramente inspirado as ideias que se converteram nos pilares do movimento escoteiro.

A partir do que foi exposto, entendemos que é preciso pensar sobre o tipo de experiência que está sendo promovida na Educação Ambiental nas escolas, em que medida elas partem do contexto do aluno, são problematizadoras da realidade, despertam o interesse, levam o aluno a investigar, a buscar soluções e dão suporte a novas experiências, mais desafiadoras. Em acréscimo a isso, podemos dialogar com o método escoteiro, que promove o contato direto com a realidade, com a natureza e o ambiente que cerca a criança. Entende-se que é necessário expandir a concepção de Educação Ambiental nas escolas, que não se restrinja aos limites da sala aula, centrada apenas no conhecimento teórico e em algumas práticas de reciclagem, cartazes, desenhos etc. É preciso ir além.

## EDUCAÇÃO AMBIENTAL E OS ANOS INICIAIS: O QUE DIZEM AS PESQUISAS?

Com o intuito de nos aproximarmos da realidade da Educação Ambiental nas escolas dos Anos Iniciais, realizamos um mapeamento, conforme já descrito na seção sobre os procedimentos metodológicos. Na busca realizada, encontrou-se o texto de Silveira et al. (2021), que traz a concepção dos alunos do quinto ano do Ensino Fundamental sobre as ações sustentáveis. Os resultados demonstraram que os conhecimentos prévios dos estudantes sobre o tema se originam das mídias. Uma quantidade significativa dos alunos desconhecia o termo sustentabilidade. Houve reconhecimento das práticas sustentáveis por boa parte dos estudantes, mas os alunos não foram capazes de entender o termo a partir de uma perspectiva mais ampla, que ultrapasse a ideia associada apenas ao fornecimento de recursos para garantir a sobrevivência humana.

A temática de sustentabilidade também é um tema abordado no movimento escoteiro, no entanto envolve uma percepção ampla que valoriza a ética e a conexão com a natureza. Além disso, entendem por sustentabilidade o respeito ao meio ambiente, a proteção dos recursos naturais, a busca pela paz, saúde, inclusão e justiça social. Tais premissas implicam num entendimento crítico do mundo em que se vive, estimulando os jovens a ações mais responsáveis e conscientes. Esse aprendizado se dá a partir da teoria e da prática vivenciada na natureza, que é entendida como um laboratório vivo, um espaço de aprendizado, de convívio e de diversão para os jovens, mas também um lugar para ser respeitado (ESCOTEIROS DO BRASIL, 2021).

O trabalho de Almeida (2021) teve o intuito de trazer uma análise a respeito da importância do ensino da Educação Ambiental nas escolas brasileiras na luta para formar cidadãos críticos e conscientes dos muitos problemas ambientais, bem como da necessidade de preservação do meio ambiente. O estudo mostrou que a educação ambiental tem sua importância reconhecida em diversos documentos nacionais e internacionais, reforçando a importância do desenvolvimento da consciência ambiental desde a infância. O autor enfatiza a relevância da Educação Ambiental nos Anos Iniciais como essencial para formar esse cidadão crítico e, futuramente, poder amenizar os impactos da degradação ambiental. Outro fator destacado como importante na Educação Ambiental é o uso dos jogos, as brincadeiras, o imaginário e a criatividade.

Ao estabelecermos relações com os dados da pesquisa de Almeida (2021), podemos perceber uma certa convergência com o movimento escoteiro no que diz respeito a

proporcionar às crianças vivências lúdicas. No entanto, nas práticas do escotismo, isso acontece em contato direto com a natureza ou mesmo em ambientes externos onde os elementos da natureza podem ser mais limitados, o que se diferencia de uma prática realizada apenas nos limites da sala de aula. Essa conexão direta com a natureza, mediada pelo professor, tem um grande potencial de se tornar uma experiência fecunda, criativa, desafiadora e que desperte a curiosidade da criança, numa perspectiva que se aproxima do aprender fazendo proposto por Dewey (1979).

O trabalho de Amorim, Oliveira, Amorim e Almeida (2021) apresenta as ações promovidas pelo educador que possibilitam trabalhar a Educação Ambiental com os alunos, enumerando exemplos de ações de conhecimento de mundo, do meio ambiente, da preservação ambiental. Os autores concluíram que a educação ambiental é um instrumento de mudança social e da postura individual. No entanto, não deve ser tratada de forma meramente teórica, mas voltada para a prática da criança no contexto social, isto é, o entorno da escola, o bairro e a cidade. A pesquisa menciona a importância de metodologias criativas e inovadoras nos Anos Iniciais, mas não aprofunda a temática.

A pesquisa realizada por Neto, Ferreira e Kaminski (2021) menciona alguns dos limites de práticas muito comuns no ambiente escolar, que são as atividades de reciclagem. Embora sejam importantes, essas práticas não devem se limitar a isso, além de muitas delas estarem desarticuladas do contexto social e político, o que pode resultar numa banalização da Educação Ambiental. Essas ações isoladas não promovem o entendimento das problemáticas ambientais, que, geralmente, estão presentes no próprio ambiente escolar e/ou no seu entorno. A Educação Ambiental nas escolas deve provocar ações de impacto real no cotidiano vivido, para isso os sujeitos envolvidos precisam ser ativos no processo. Um outro aspecto enfatizado na pesquisa é a importância do trabalho interdisciplinar, que é um grande potencial para tratar as temáticas ambientais, mas também um grande desafio para as escolas dos Anos Iniciais.

A pesquisa de Saggin (2021) teve como objetivo verificar de que forma a Educação Ambiental vem sendo trabalhada em uma determinada escola dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Foram observadas aulas remotas, analisado o conteúdo de apostilas e feito um diálogo com duas professoras. Na análise do material, foram encontrados, de forma indireta, temas como extinção dos animais, conservação dos recursos naturais, destino correto do lixo e consumo consciente de água. O autor destaca a importância de um

enfoque mais direto nos temas de Educação Ambiental relacionados com o cotidiano das crianças, assim como a valorização de atividades práticas dentro e fora da escola.

Em diálogo com as pesquisas de Amorim, Oliveira, Amorim e Almeida (2021), Neto, Ferreira e Kaminski (2021) e Saggin (2021), pode-se afirmar que alguns aspectos do método escoteiro, quando adequados ao contexto escolar, podem ser considerados como uma metodologia criativa e inovadora, pois valoriza o aprendizado que envolve teoria e prática, exercita e desenvolve a autonomia, a autoconfiança e a iniciativa na vida em grupo, e o jovem é protagonista no processo. Além disso, o escotismo preconiza que as atividades devem ser progressivas, atraentes e variadas, compreendendo jogos e outras atividades lúdicas. Em acréscimo, valoriza-se muito a vida ao ar livre e em contato com a natureza, tendo interação com a comunidade. Desta forma, distancia-se de uma Educação Ambiental meramente instrucional, fragmentada e restrita aos limites da sala de aula.

Ao encontro de algumas das premissas do movimento escoteiro, a pesquisa de Salamoni, Maduell, Silveira e Falcão (2021) demonstrou a possibilidade de desenvolver atividades de extensão universitária voltada para a temática socioambiental, indicando êxito em seu projeto piloto em Educação Ambiental. A metodologia criada e aplicada com as crianças da escola municipal envolveu rodas de conversa, brincadeiras, jogos, vídeos, desenhos e atividades teóricas e práticas.

Outros elementos, que merecem destaque e que aparecem nas pesquisas, são a questão da formação continuada dos professores que atuam nos Anos Iniciais e a qualidade dos materiais didáticos. Albuquerque, Santos e Maia (2021) investigam os conhecimentos e práticas dos professores e dos alunos, de várias etapas da Educação Básica, sobre o ecossistema manguezal. A pesquisa apontou tanto a ausência de materiais didáticos adequados quanto a falta de conhecimento aprofundado dos professores sobre a temática. Os autores reforçam a importância da formação continuada dos educadores, a adoção de materiais didáticos mais específicos para a temática, o trabalho interdisciplinar e a importância da transversalidade no trato dos conteúdos de Educação Ambiental.

Vale ressaltar que, durante as nossas pesquisas, encontramos a palavra emparedamento infantil. Segundo Tiriba e Profice (2019, p. 2),

As crianças passam a maior parte de seu dia em lugares emparedados e interagindo com dispositivos eletrônicos. Mesmo as que não vivem em centros urbanos densos e cimentados têm passado muito de seu tempo

entretidas com fascinantes celulares e tablets, seus jogos, fotos e redes sociais.

Considerou-se pertinente mencionar essa questão na pesquisa por valorizar a importância do contato das crianças com a natureza e por entender que essa condição não faz parte da realidade de muitas crianças no mundo atual. Além disso, acredita-se que essa vivência em espaços naturais são fundamentais para uma Educação Ambiental com mais sentido e significado para as crianças e pode ser promovida no ambiente escolar.

A partir dessa palavra-chave, realizou-se uma outra busca e foram obtidos resultados importantes. Embora não se tenha encontrado nenhuma pesquisa que aborde esse tema, especificamente, nos Anos Iniciais, considera-se relevante apontar alguns aspectos que trazem reflexões sobre as práticas de Educação Ambiental nas escolas. Ferreira (2021) analisou documentos e publicações do Ministério da Educação para a compreensão da importância dos espaços externos nas escolas, possibilitando reconhecer a relevância do contato das crianças com a natureza, evidenciando o seu direito. O resultado mostrou que o reconhecimento dessa importância não deve estar presente somente em documentos, mas diariamente no planejamento escolar.

Thomaz (2020) fez uma pesquisa sobre como as crianças da Educação Infantil experienciaram o pátio da escola e trouxe como resultado as múltiplas possibilidades de aprendizagens, conexões e trocas afetivas que podem acontecer no pátio escolar. Destaca-se que, em grande parte das escolas dos Anos Iniciais, os espaços externos da escola são pouco explorados, resumindo-se, muitas vezes, às aulas de Educação Física. No entanto, o pátio da escola pode ser um espaço de múltiplas aprendizagens, não apenas na Educação Infantil, mas também nos Anos Iniciais. Soares e Flores (2017) fazem uma revisão bibliográfica sobre o uso das áreas externas, mostrando que os espaços externos podem ser utilizados para garantir a autonomia das crianças, apresentando maiores opções de atividades diferenciadas.

Esse conjunto de pesquisas nos revela que, embora a Educação Ambiental esteja presente, em alguma medida, nas escolas dos Anos Iniciais, ela está limitada, ainda, ao estudo e à prática no ambiente restrito da sala de aula; que há pouca vivência em conexão com a natureza ou em ambientes externos no entorno escolar. Os estudos também apontam a necessidade de metodologias mais ativas com atividades diversificadas,

lúdicas, criativas e que instiguem o interesse das crianças. Além disso, evidenciou-se, também, a importância da formação continuada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo da pesquisa foi buscar analisar se o método escoteiro pode ser utilizado na Educação Ambiental em escolas dos Anos Iniciais. Entende-se que alguns dos pilares do escotismo podem ser incorporados à Educação Ambiental nas escolas dos Anos Iniciais, entre eles está o entendimento ampliado de sustentabilidade, que ultrapassa a perspectiva de utilização racional dos recursos para garantir a sobrevivência humana. É algo mais amplo que envolve a ética, o respeito à natureza, a promoção da paz, a justiça social e o desenvolvimento de ações responsáveis por parte dos jovens.

Outro pilar importante do movimento escoteiro é a conexão com a natureza e/ou os ambientes externos, mesmo que tenham poucos elementos naturais. Nas pesquisas apresentadas, foi possível perceber a carência de atividades que ultrapassem os limites da sala de aula. Aproveitar os espaços externos da escola, como o pátio ou o entorno escolar, e explorar, na medida do possível, outros espaços na cidade, é uma rica possibilidade de aprendizado para as temáticas ambientais.

Em acréscimo a isso, está a importância do uso de metodologias ativas e de atividades diversificadas e lúdicas, que promovam as experiências na perspectiva do aprender fazendo, proposto por Dewey. Isto é, proporcionar “boas” vivências, criativas, fecundas, e que levem a criança a investigar, a levantar hipóteses e, na medida do possível, a resolver problemas de sua vida cotidiana. A criança precisa de atividades concretas para aprender, e, a partir do entendimento de algo que lhe é familiar, é possível adotar comportamentos mais proativos em relação ao ambiente e a compreender, com mais facilidade, os problemas ambientais em locais mais distantes de sua realidade. “Vivemos sempre no tempo em que estamos e não em outro tempo, e só quando extraímos de cada ocasião, de cada presente experiência, todo o seu sentido, é que nos preparamos para fazer o mesmo no futuro” (DEWEY, 1979, p. 44). Para Dewey (1979), as ações concretas e as experiências construtivas realizadas no presente é que podem nos preparar para um futuro melhor. Esse deve ser o desafio da Educação Ambiental no contexto escolar.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Rita; SANTOS, Marcos; MAIA, Rafaela. Estratégias para Educação Ambiental sobre o ecossistema manguezal na Educação Básica. **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**, v. 16, n. 5, p. 115-133, 2021.

ALMEIDA, Bernard Pereira. A relevância da educação ambiental no contexto atual / The relevance of environmental education in the current context. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 11, p. 107570-107581, 2021. Disponível em: <<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/40037>>. Acesso em: 24 abr. 2022.

AMORIM, D. K. M. de., Oliveira, D. S. da L., Amorim, M. R. de ., & Almeida, S. G. de . (2021). EDUCAÇÃO AMBIENTAL NAS SÉRIES INICIAIS. **Revista Ibero-Americana De Humanidades, Ciências E Educação**, 7(9), 1467-1480. <https://doi.org/10.51891/rease.v7i9.2569>,

CHAWLA, Louise. Childhood nature connection and constructive hope: a review of research on connecting with nature and coping with environmental loss. **People and Nature**. British Ecological Society, V. 2, p. 619-642, 2020.

DEWEY, John. **Experiência e Educação**. 3 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

ESCOTEIROS DO BRASIL. Projeto Educativo Escoteiros Do Brasil: educação para a vida. União dos Escoteiros do Brasil, 2021. Disponível em: [https://escoteiros.org.br/wp-content/uploads/2021/09/ProjetoEducativo\\_2021.pdf](https://escoteiros.org.br/wp-content/uploads/2021/09/ProjetoEducativo_2021.pdf) . Acesso em: 21 fev. 2023.

FERREIRA, Fernanda. **Brincar e aprender com e na natureza: a perspectiva do desamparado da infância na educação infantil**. Trabalho de Conclusão de Curso- Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, São Paulo, p.47, 2021.

LEANDRO, A. B. F. . **Aprender Fazendo** :uma reflexão acerca do escotismo e da renovação pedagógica ocorrida no início do século XX. In: Congresso Nacional de Educação-CONEDU, 2017, João Pessoa. Anais IV CONEDU. v. 1. p. 1-11.

NETO, Antonio Gonçalves Nunes; FERREIRA, Sheila Batista; KAMINSKI, Edna Regina Albin Pereira. Educação Ambiental na escola dos Anos Iniciais. **Educação Online**, v. 16, n. 36, p. 143-160, 2021.

POWELL, Baden. **Escotismo para rapazes: um manual de instrução de boa cidadania por meio de artes mateiras**. 6 ed. União dos Escoteiros do Brasil, 2006. Disponível em:[https://ead.escoteiros.org.br/pluginfile.php/169494/mod\\_folder/content/0/Escotismo%20para%20rapazes.pdf](https://ead.escoteiros.org.br/pluginfile.php/169494/mod_folder/content/0/Escotismo%20para%20rapazes.pdf) Acesso em: 22 fev. 2023.

SAGGIN, Felipe Luís. A Educação Ambiental Nos Anos Iniciais Do Ensino Fundamental: observação e análise das aulas em escola municipal. **Revista Multidisciplinar de Educação e Meio Ambiente**, v. 2, n. 3, p. 97-97, 2021.

SALAMONI, Adriana Tourinho et al. Educação Ambiental nos Anos Iniciais do ensino fundamental: várias formas de trabalhar os seus temas. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, v. 12, n. 1, p. 65-75, 2021.

SANTOS, J. A.; OLIVEIRA, G. S.; PAIVA, A. B. O Pensamento Educacional De John Dewey. **Cadernos da Fucamp**, v. 21, n. 52, p.76-91, 2022

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2013.

SILVEIRA, Maira dos Santos et al. Sustentabilidade E Práticas Sustentáveis: concepções de alunos de quintos anos do ensino fundamental. **Revista Prática Docente**, v. 6, n. 2, p. e053-e053, 2021.

SOARES, Gisele Rodrigues; FLORES, Maria Luiza Rodrigues. " Desemparedar" na educação infantil: o que dizem a literatura e os documentos curriculares nacionais sobre o uso das áreas externas. In: ALBUQUERQUE, Simone Santos de; FELIPE, Jane;

CORSO, Luciana V. **Para pensar a educação infantil em tempos de retrocessos: lutamos pela educação infantil**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2017. p. 111-127, 2017.

THOMAZ, Raianne da Silva Alves Bernardo. Infância, Natureza e Afetos: o “desemparedamento” e as vivências no pátio da educação infantil do colégio de aplicação da UFRJ. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, v. 6, n. 1, p. 204-231, 2020.

TIRIBA, Léa.; PROFICE, Christiana Cabicieri. Crianças da Natureza: vivências, saberes e pertencimento. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 44, n. 2, e88370, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623688370>. Acessado em: 21 fev. 2023.